

Série
Memórias do Espiritismo

Volume 2



A Alma é Imortal

© 2008 – Conhecimento Editorial Ltda.

A Alma é Imortal

L'Âme est Immortelle (1897)

Gabriel Delanne

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

www.edconhecimento.com.br

conhecimento@edconhecimento.com.br

Caixa Postal 404 – CEP 13480-970

Limeira – SP – Fone: 19 34510143

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução:

Julieta Leite

Projeto Gráfico:

Sérgio Carvalho

Colaborou nesta edição:

Mariléa de Castro

ISBN 978-85-7618-???-?

1ª Edição – 2008

• Impresso no Brasil • *Presila en Brazilo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Delanne, Gabriel, 1857-1926

A Alma é Imortal / Gabriel Delanne; [tradução, Julieta Leite]. — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2008.

ISBN 978-85-7618-???-?

1. Alma 2. Espiritismo – Filosofia 3. Evolução
Espiritismo 4. Perispírito 5. Psicologia fisiológica
I. Título

08-01173

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. : :

Espiritismo : 133.901

Gabriel Delanne

A Alma é Imortal

1ª edição
2008



Sumário



Prefácio.....	11
---------------	----

Primeira parte

1 – Breve panorama histórico	19
---	----

• As antigas crenças • A Índia • O Egito • A China • A Pérsia • A Grécia • Os primeiros cristãos • A escola neoplatônica • Os poetas

2 – O estudo da alma pelo magnetismo	40
---	----

• A vidente de Prévost • A correspondência entre Billot e Deleuze • Relatos de Chardel • Outros depoimentos • As experiências de Cahagnet • Uma evocação

3 – Testemunhos de médiuns e espíritos em favor da existência do perispírito	62
---	----

• A visão espiritual ou dupla visão • Evocação do dr. Glass • Um avarento no espaço • Evocação • Visão de uma criança • Experiências do prof. Rossi-Pagnoni e do dr. Moroni • Tiptologia e vidência • Um belo caso de identidade • O retrato de Virgílio • Uma aparição • Algumas reflexões

4 – O desdobramento do ser humano	88
--	----

• A Sociedade de Pesquisas Psíquicas • Aparição espontânea • Goethe e seu amigo • Depoimento de Cromwel Varley • Aparições múlti-

plas do mesmo indivíduo • Desdobramento involuntário, mas consciente • Aparição tangível de um estudante • Aparição objetiva num momento de perigo • Um duplo materializado • Aparição falante • Efeitos físicos produzidos por uma aparição • Algumas observações • O adivinho da Filadélfia • Uma viagem perispiritual • Santo Afonso de Liguori

5 – O corpo fluídico após a morte 122

• O perispírito descoberto em 1804 • Impressões produzidas pelas aparições nos animais • Aparição do espírito de um índio • Aparição a uma criança e à sua tia • Aparição coletiva de três espíritos • Aparição coletiva de um morto

Segunda parte

1 – Estudos experimentais sobre o desprendimento da alma humana..... 139

• Aparição voluntária • Efeitos físicos produzidos por espíritos de vivos • Fotografias de duplos • O caso do sr. Stead • Outras fotografias de duplos • Materialização de um desdobramento • Evocação do espírito de pessoas vivas • Espíritos de vivos manifestando-se pela encarnação • Outras materializações de duplos vivos

2 – As pesquisas do sr. De Rochas e do dr. Luys 158

• Pesquisas experimentais sobre as propriedades do perispírito • Hipótese • Fotografia de uma exteriorização • Repercussão da ação do perispírito desligado sobre o corpo • Ação dos medicamentos à distância

3 – Fotografias e moldes de formas de espíritos desencarnados 171

• A fotografia dos espíritos • Impressões e moldes de formas materializadas • História de Katie King • Primeiras fotografias de Katie King • As experiências de Crookes • A última sessão • O caso da sra. Livermore • Resumo • Conclusão • As conseqüências

Terceira parte

1 – Estudo do perispírito 207

• Princípios gerais • O ensinamento dos espíritos • O que é preciso estudar

2 – O tempo – o espaço – a matéria primordial216

• O espaço • Justificação dessa teoria • O tempo • A unidade da matéria • O estado molecular • As famílias químicas • A isomeria

3 – O mundo espiritual e os fluidos.....230

• As forças • O mundo espiritual • A energia e os fluidos • Estudo sobre os fluidos • A ponderabilidade

4 – Discursão sobre os fenômenos das materializações.....255

• Exame da hipótese de que os fatos relatados sejam falsos • As fraudes dos médiuns • A aparição é um desdobramento do médium? • Materializações múltiplas e simultâneas • Resumo • Estudo sobre a identidade dos espíritos • A identidade pode ser demonstrada por provas intelectuais? • Mecanismo da materialização • A imortalidade da alma

Quarta parte

Capítulo único

Ensaio sobre as criações fluídicas da vontade293

• A vontade • Ação da vontade sobre o corpo • Ação da vontade à distância • Ação da vontade sobre os fluidos • Conclusão

Prefácio



O espiritismo veio projetar uma nova luz sobre o problema da natureza da alma. Ao recorrer à experimentação na filosofia, ou seja, numa ciência que empregava como instrumento apenas o senso íntimo, permitiu ver o espírito de um modo efetivo, e perceber que até então ele tinha sido muito mal compreendido.

O estudo do eu, isto é, o estudo do funcionamento da sensibilidade, da inteligência e da vontade, permite entender a atividade da alma no momento em que se exerce, mas nada nos informa a respeito do lugar onde se passam esses fenômenos, que parecem não ter entre si outra relação a não ser a da continuidade. Os recentes progressos da psicologia fisiológica, contudo, provaram que existe uma estreita dependência entre a vida psíquica e as condições orgânicas de suas manifestações. A cada estado da alma corresponde uma modificação molecular da substância cerebral, e vice-versa. Mas, as observações param por aí, e a ciência é incapaz de explicar-nos por que a matéria que substitui a que é destruída pelo desgaste vital conserva as impressões anteriores do espírito.

A experiência espírita vem, no momento oportuno, preencher essa lacuna: ela nos prova que a alma não é uma identidade imaginária, uma substância imaterial intangível, e, sim, que é provida de um corpo sutil, no qual os fenômenos da vida mental

são registrados, corpo esse a que se deu o nome de perispírito. Assim como no homem vivo deve-se distinguir o espírito da matéria que o incorpora, também não se deve confundir o perispírito com a alma. O eu pensante é completamente diferente do seu invólucro, e não poderia identificar-se com ele mais do que a roupa com o corpo físico; entretanto, entre o espírito e o perispírito existem as mais estreitas ligações, pois, como adiante veremos, ambos são inseparáveis.

Isso significa que descobrimos a verdadeira natureza da alma? Não, pois para nós ela ainda continua inacessível, aliás tão inacessível quanto a essência da matéria; mas descobrimos uma condição, um modo de ser do espírito, que explica uma quantidade de problemas até então insolúveis.

As concepções sobre a natureza da alma humana evoluíram no correr dos tempos, indo da mais grosseira materialidade à espiritualidade absoluta. Os trabalhos dos filósofos, assim como os ensinamentos religiosos, habituaram-nos a considerar a alma uma pura essência, uma chama imaterial. Essas interpretações tão diferentes devem-se à maneira como se considera a alma. Se a estudamos objetivamente, fora do organismo humano, durante as aparições, às vezes ela parece tão material como o corpo físico. Se a observamos em si mesma, parece que sua única característica seja o pensamento. Todas as observações da primeira categoria foram relegadas entre as superstições populares, e a idéia de uma alma sem corpo prevaleceu. Nessas condições, era impossível compreender por que procedimento essa entidade podia atuar sobre a matéria do corpo, ou dele receber impressões. Como imaginar que uma substância imponderável, e conseqüentemente etérea, pudesse agir sobre o tangível, isto é, sobre corpos materiais?

Ensinam-nos, ao mesmo tempo, a espiritualidade e a imortalidade da alma. Como entender que essa alma conserve lembranças? Aqui na Terra, temos um corpo definido pela forma do nosso invólucro físico, um cérebro que parece registrar os arquivos da nossa vida mental; mas, quando o corpo morre, quando esse substrato físico é destruído, que acontecerá com as recordações da nossa existência atual, onde, então, se localizarão as conquistas da nossa atividade psíquica sem as quais não

há vida intelectual possível? A alma está destinada a dissolver-se na erraticidade, a dissipar-se no grande Todo, perdendo sua personalidade?

As conclusões são rigorosas, pois a alma não conseguiria subsistir no espaço sem uma forma que a individualizasse. Uma gota de água no oceano não se distingue das suas vizinhas, ela só se diferencia das outras partes do líquido se estiver contida em algo que a delimite, ou se, isolada, tomar a forma esférica, sem o que, se perde na massa, e deixa de ter existência distinta.

O espiritismo leva-nos a constatar que a alma sempre é inseparável de uma certa substancialidade material, mas apresentando uma modalidade especial, infinitamente rarefeita, cujo estado físico tentaremos definir. Essa matéria possui formas variáveis, segundo o grau de evolução do espírito, e conforme habite a Terra ou o espaço. O caso mais comum é a alma conservar temporariamente, após a morte, o tipo que o corpo físico tinha neste mundo. Esse ser invisível e imponderável pode às vezes, em determinadas circunstâncias, assumir um caráter de objetividade capaz de afetar os sentidos e impressionar uma placa fotográfica, deixando, assim, traços duráveis da sua ação, o que põe fora de discussão qualquer tentativa de explicação desse fenômeno pela ilusão ou pela alucinação.

Nosso objetivo, neste volume, é apresentar algumas das provas que hoje possuímos da existência desse invólucro, a que se deu o nome de PERISPÍRITO (de *peri* = ao redor, em torno, e *spiritus* = espírito).

Para essa demonstração, recorreremos não só aos espíritas propriamente ditos, mas também aos magnetizadores espiritualistas e aos sábios independentes, que recentemente começaram a explorar esse campo; ao mesmo tempo, nos será possível constatar que a corporalidade da alma não é uma idéia nova, que teve inúmeros adeptos desde que a humanidade se preocupa com a natureza do princípio pensante.

Veremos, inicialmente, que quase toda a antiguidade admitia, mais ou menos, essa doutrina; mas os conhecimentos que se possuía sobre o corpo etéreo eram vagos e incompletos. Depois, à medida que se cavava o fosso entre a alma e o corpo, que as duas substâncias mais se diferenciavam, inúmeras teorias ten-

taram explicar sua ação recíproca. Tais são as almas mortais de Platão, as almas animais e vegetativas de Aristóteles, o *ochema* e o *eïdolon* dos gregos, o *nephesh* dos hebreus, o *baï* dos egípcios, o corpo espiritual de São Paulo, os espíritos animais de Descartes, o mediador plástico de Cudworth, o organismo sutil de Leibnitz, ou sua harmonia preestabelecida; o influxo físico de Euler, o fogo central (princípio da vida), de Van Helmont, o corpo aromal de Fourier, as idéias-força de Fouillée etc... Todas essas hipóteses, que em alguns pontos se aproximam da realidade, não têm o grau de certeza admitido pelo espiritismo, porque o espiritismo não imagina: constata.

Só empenhando-se em especulações, o espírito humano nunca adquire a certeza de ter chegado a uma solução. Precisa do auxílio da ciência, ou seja, da observação e da experiência, para firmar sua convicção. Portanto, não é guiados por idéias preconcebidas que os espíritas explicam a existência do perispírito; é pura e simplesmente porque isso, para eles, é resultado da observação.

Seguindo outros métodos, os magnetizadores já haviam chegado ao mesmo resultado. Veremos, pela correspondência trocada entre Billot e Deleuze, bem como pelas pesquisas de Cahagnet, que a alma, após a morte, conserva uma forma corporal que a identifica. Os médiuns, isto é, as pessoas que, no estado normal, gozam da faculdade de ver os espíritos, confirmam categoricamente o testemunho dos sonâmbulos.

Esses relatos constituem uma série de documentos de grande valor, mas que ainda não nos fornecem uma prova material; também constataremos que os espíritas empenharam todos os seus esforços para produzir essa prova incontestável, e conseguiram. As fotografias de espíritos desencarnados, as marcas deixadas por eles em substâncias moles ou friáveis, os moldes de formas perispirituais são provas autênticas, absolutas, irrecusáveis da existência da alma unida ao perispírito, e hoje são em tão grande número, que não há mais lugar para dúvidas.

Mas, se a alma verdadeiramente possui um invólucro, deve ser possível constatar-lhe a realidade durante a vida terrena. É o que efetivamente acontece. Os fenômenos de desdobramento do ser humano, às vezes chamados de bicorporalidade, nos mostra-

ram o rumo a seguir. Sabe-se em que consistem. Por exemplo, se um indivíduo está em Paris, sua imagem, sua réplica, pode aparecer em outra cidade, de modo a ser reconhecido. Existem, atualmente, mais de dois mil casos, bem constatados, de aparições de vivos. No decorrer do nosso estudo, veremos que essas visões não são todas alucinatórias, veremos, também, através de que características especiais é possível ter certeza da objetividade de algumas dessas curiosas manifestações psíquicas.

Os pesquisadores não se limitaram à observação pura e simples desses fenômenos; chegaram a reproduzi-los experimentalmente. Constataremos, com o sr. de Rochas, que a exteriorização da motricidade é, de certo modo, o esboço do que se produz completamente durante o desdobramento do ser humano. Chegaremos, enfim, à demonstração física da distinção entre a alma e o corpo, ao fotografar a alma de um ser vivente fora dos limites do seu organismo material.

Para todo pesquisador imparcial, esse vasto conjunto de documentos estabelece solidamente a existência do perispírito. Mas nossa ambição não deve limitar-se a isso. Devemos nos perguntar de que matéria esse corpo é formado. Aqui, ficamos reduzidos à hipótese: mas veremos, pelo estudo das circunstâncias que acompanham as aparições de vivos e mortos, que, nas últimas descobertas científicas sobre a matéria radiante e os raios X, é possível encontrar preciosas analogias que nos permitirão compreender o estado dessa substância imponderável e invisível. Esperamos demonstrar, cientificamente, que nada se opõe à concepção de tal invólucro da alma; conseqüentemente, este estudo entra no âmbito das ciências ordinárias, e não pode ser acusado de estar contaminado pelo sobrenatural ou prodigioso.

Insistiremos longamente na identidade entre os fenômenos produzidos pela alma de um vivo, saído momentaneamente do corpo e os fenômenos constatados por parte dos espíritos. Veremos que se assemelham de tal forma que é impossível diferenciá-los, a não ser por suas características psíquicas. Portanto, e este é um dos pontos mais importantes, existe uma continuidade real, absoluta, nas manifestações do espírito, esteja ele encarnado, ou não, num corpo terrestre. Por conseguinte, é inútil atribuir os fatos espíritas a seres fictícios, demônios, elementais,

cascas astrais, egrégoras etc.: deve-se reconhecer que são produzidos por almas que viveram na Terra.

Estudando os elevados fenômenos do espiritismo, nos será fácil constatar que o organismo fluídico contém todas as leis organogênicas segundo as quais o corpo é formado. Aqui, o espiritismo apresenta uma idéia nova, ao explicar como a forma típica do indivíduo pode manter-se durante a vida toda, apesar da incessante renovação de todas as partes do corpo. Ao mesmo tempo, do ponto de vista psíquico, fica fácil compreender onde e como se conservam nossos atributos intelectuais. Em outra obra (*A Evolução Anímica*), já deixamos clara nossa concepção sobre o papel desempenhado pelo perispírito durante a encarnação; bastará dizermos que, graças à descoberta desse corpo fluídico, podemos explicar, cientificamente, de que maneira a alma conserva sua identidade na imortalidade.

Que esses primeiros delineamentos de uma fisiologia psicológica transcendental possam incitar os cientistas a escutar esse domínio maravilhoso! Se nossos trabalhos conseguirem trazer para as nossas fileiras alguns espíritos independentes, não teremos desperdiçado nosso tempo; seja qual for o resultado, porém, temos certeza de que se aproxima o tempo em que a ciência oficial, acuada em seus últimos redutos, ver-se-á obrigada a ocupar-se com o assunto que constitui o objeto das nossas pesquisas. Nesse dia, o espiritismo mostrará o que realmente é: a Ciência do Futuro.

Gabriel Delanne

Primeira parte
A observação



Capítulo I

Breve panorama histórico



As antigas crenças

A natureza íntima da alma nos é desconhecida. Quando se diz que ela é imaterial, é preciso entender esta palavra num sentido relativo, não absoluto, pois a imaterialidade perfeita seria o nada; ora, a alma, ou o espírito,¹ é algo que pensa, que sente, que quer; pela expressão “imaterial”, portanto, deve-se entender que sua essência é de tal modo diferente do que conhecemos fisicamente, que não tem qualquer analogia com a matéria.

Não se pode conceber a alma sem ser acompanhada por uma matéria qualquer que a individualize, porque, sem isso, ser-lhe-ia impossível relacionar-se com o mundo exterior. Aqui na Terra, o corpo humano é o intermediário que nos põe em contato com a natureza; após a morte, porém, estando destruído o organismo vivo, é preciso que a alma tenha um outro invólucro para relacionar-se com o novo meio que deve habitar. Em todos os tempos, essa conclusão lógica foi intensamente percebida, principalmente porque as aparições de pessoas mortas, ao mostrar-se com sua forma terrestre, vinham firmar essa crença.

O corpo espiritual reproduz, na maioria das vezes, o tipo que o espírito tinha na sua última encarnação; e, provavelmente, as primeiras noções de imortalidade devem-se a essa seme-

lhança da alma.

Quando nos dispomos a pensar, exatamente como nos sonhos, freqüentemente revemos parentes e amigos que morreram há muito tempo; talvez possamos encontrar, nesses fatos, as causas da crença geral em outra vida, que era a crença dos nossos ancestrais

Na verdade, constata-se que os homens da época pré-histórica, época chamada megalítica, sepultavam os mortos e punham nas tumbas armas e adereços. Deve-se supor, portanto, que aqueles povos primitivos tinham intuição de uma segunda existência, que se sucederia à vida terrestre. Ora, se há uma concepção que se oponha ao testemunho dos sentidos, é exatamente a concepção de uma vida futura.. Quando se observa o corpo físico permanecer insensível, inerte, apesar de todos os estímulos que se possa utilizar, quando se constata que fica gelado, depois se decompõe, é difícil imaginar que alguma coisa sobreviva à desagregação total. Mas se, apesar dessa destruição, observa-se a reaparição completa do mesmo ser; se, por atos e palavras, ele mostra que continua vivo, então, até para os seres mais rudes, a conclusão de que o homem não está totalmente morto impõe-se com grande autoridade. Foi provavelmente após muitas observações desse tipo que se estabeleceram o culto prestado aos despojos mortais e a crença de que uma outra vida seria a continuação desta.

A Índia

Atualmente, os povos mais selvagens ainda crêem numa certa imortalidade do ser pensante,² e todas as narrativas dos viajantes constataam que, em todos os pontos do globo, a sobrevivência é unanimemente sustentada. Remontando aos mais antigos testemunhos que possuímos, isto é, até aos hinos do Rig-Veda, vemos que os homens que viviam no sopé do Himalaia, em Sapta Sindhou (região dos sete rios), tinha claras intuições sobre o pós-morte.

Provavelmente baseando-se em aparições naturais, e nas visões dos sonhos, os sacerdotes, muitos séculos depois, chegaram a codificar a vida futura.. Que existência será essa? Um poeta *arya* descreve vigorosamente o céu védico: “Mansão de-